

Música Francesa

SEXTA
8 MARÇO
21H00

AUDITÓRIO DA REITORIA DA NOVA
CAMPUS DE CAMPOLIDE

Obras de
Jean-Philippe Rameau
Albert Roussel
Richard Wagner
Claude Debussy

**ORQUESTRA
ACADÉMICA
METROPOLITANA**

Jean-Marc Burfin
Maestro

Música Francesa

JOÃO PAES DIREÇÃO MUSICAL

Aluno de Direção de Orquestra da Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO)

Jean-Philippe Rameau (1683-1764)

Abertura da Ópera *Zaïs* (1748)

(duração aproximada: 6 min.)

Jean-Philippe Rameau

Excertos orquestrais do bailado *Les Indes Galantes* e das óperas *Platée* e *Dardanus*

(duração aproximada: 6 min.)

I. *Danse du Grand Calumet de la Paix (Danse des Sauvages)* (*Les Indes galantes*; 1735)

II. *Tambourins I - II* (*Dardanus*; 1739)

III. *Orage* (*Platée*; 1745)

JEAN-MARC BURFIN MAESTRO

Albert Roussel (1869-1937)

Petite Suite, Op. 39 (1929)

(duração aproximada: 14 min.)

I. *Aubade*

II. *Pastorale*

III. *Mascarade*

HENRIQUE DUARTE DIREÇÃO MUSICAL

Aluno de Direção de Orquestra da Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO)

Richard Wagner (1813-1883)

Idílio de Siegfried (1870)

(duração aproximada: 19 min.)

JEAN-MARC BURFIN MAESTRO

Claude Debussy (1862-1918)

Petite Suite, L. 65 (1886-1889; arranjo para orquestra de Henri Büsser)

(duração aproximada: 16 min.)

I. *En bateau: Andantino*

II. *Cortège: Moderato*

III. *Menuet: Moderato*

IV. *Ballet: Allegro giusto*

ZAÏS,
BALLET HÉROÏQUE,
MIS EN MUSIQUE
PAR M. RAMEAU,

Et exécuté pour la première fois par l'Académie Royale de Musique,
le 29. Février 1748.

Le prix en blanc . . . liv. & . . . liv. relié.



A PARIS;

Chez { L'AUTEUR, rue Saint Honoré, vis-à-vis le Caffé de Dupuis.
La Veuve BOIVIN, rue Saint Honoré, à la Regle d'Or.
M. LECLAIR, rue du Roule, à la Croix d'Or.

AVEC APPROBATION ET PRIVILEGE DU ROI.

M.549¹

Musique

RAMEAU E O BARROCO FRANCÊS

No contexto da música francesa da primeira metade do século XVIII, o nome de Jean-Philippe Rameau tem importância equivalente àqueles de Bach e Vivaldi. A sua música distingue-se, sobretudo, pela opulência das partes orquestrais.

Rameau era um reputado organista e teórico da música, quando escreveu pela primeira vez música de cena. Já contava, então, cerca de cinquenta anos de idade. Teve ainda tempo, todavia, para escrever a música de mais de vinte espetáculos, de que se destacam o bailado *Les Indes Galantes*, a «tragédie lyrique» *Dardanus* e a «comédie lyrique» *Platée*. Porque na corte de Luís XV preferia-se espetáculos cénicos em que o canto lírico alternava com momentos dançados, fragmentando

os enredos, a sua música distingue-se sobretudo pela opulência das secções orquestrais. Entre estas acham-se partituras de aparatoso efeito; sejam aberturas, curtas sinfonias ilustrativas de determinados ambientes cénicos ou números de dança. Muitos são hoje conhecidos por serem tocados frequentemente nas rádios, nas televisões e em filmes.

De particular interesse é a abertura da ópera *Zaïs*, que, em contexto teatral, se apresenta como a ilustração sonora da separação dos quatro elementos (Água, Terra, Fogo e Ar) a partir do caos primitivo do universo. Em jeito de preâmbulo, pode ler-se uma passagem do texto que o escritor Thomas Raynal publicou em 1748 no jornal *Nouvelles littéraires* a propósito desses seis minutos de música.

«Só à medida em que o desenvolvimento acontece, a natureza nasce e se anima. Escutais então um ligeiro estremecimento, é o Zéfiro; soam as flautas, o chilrear dos pássaros; os violinos juntam-se às flautas e, através de modulações variadas, ora rápidas ora lentas, representam a ideia de uma torrente que se precipita ruidosamente e um riacho que corre lentamente, ou a separação do ar e do fogo. Depois, de repente, através de sons mais contundentes, mais audazes, a música transporta-nos pelos ares. Aí, desenham-se de uma só vez o ruído dos ventos e dos trovões, ou talvez, por intermédio de uma harmonia voluptuosa e plena de magnificência, inspira-vos o prazer do amor, tranquiliza-vos os sentidos anunciando a presença dos deuses.»



Albert Roussel em 1923

PETITE SUITE DE ROUSSEL

***Petite Suite* é uma das composições mais populares de Albert Roussel. Datada de 1929, esta curta peça orquestral retrata cirurgicamente os traços mais característicos do estilo de escrita do compositor francês. São três andamentos que nos conduzem por uma alvorada com perfume do exotismo espanhol, pelo registo lírico e bucólico de uma pastoral e, por fim, pela ambiência jocosa dos bailes de máscaras parisienses.**

O nome de Albert Roussel é relativamente pouco conhecido do grande público. Foi, todavia, um dos compositores mais representativos do panorama musical parisiense no período de transição entre os séculos XIX e XX. O seu catálogo surpreende

tanto pela diversidade como pelo modo como a matriz musical conservadora se dispõe ao serviço de uma estética à época considerada moderna. Por essa razão, na sua música transparece uma sensação de estranheza, em resultado do confronto dos recursos mais convencionais, tais como ritmos previsíveis e melodias de contorno clássico, com acordes desconcertantes e efeitos característicos inusitados. Pintam-se paisagens, ora românticas ora afins à azáfama dos novos tempos, mas sempre pela mão segura de quem sabe construir um discurso musical fluente.

A *Petite Suite* foi estreada em fevereiro de 1930 por uma orquestra dirigida pelo maestro Walter Straram

na qual se reuniam ocasionalmente alguns dos melhores músicos parisienses da época para interpretar repertório contemporâneo, incluindo numerosas estreias mundiais. Consiste em três «quadros» pitorescos. No primeiro, *Aubade*, destacam-se os sopros madeiras num registo de opereta pleno de humor e ironia. A *Pastorale*, o andamento mais lento, inicia com um solo de trompa que dá o mote para um ambiente reflexivo, sempre com uma orquestração cuidada, assente em dois blocos tímbricos que vincam a separação entre as cordas e os sopros. Por fim, uma *Mascarade* que se desenvolve num registo burlesco onde se realça pontualmente o diálogo entre os sopros e as percussões.

IDÍLIO DE TRIBSCHEN

O pensamento estético de Richard Wagner é incontornável num debate amplo sobre a cultura musical europeia na segunda metade do século XIX. Renegava então a escrita musical artificiosa, imotivada e sem dramaticidade. Suscitou as mais calorosas discussões, a maioria das quais opondo o «espírito ilustrado germânico» ao pretenso «facilitismo piegas italiano». Paradoxalmente, e porque é difícil separar a percurso artístico de Wagner da sua vida pessoal, o *Idílio de Siegfried* resultou de uma espécie de serenata dedicada a uma mulher.

O *Idílio de Siegfried* foi escrito em 1870 com o propósito de presentear Cosima Liszt, filha de Franz Liszt. Esta era uma relação amorosa que Richard e Cosima mantinham havia já seis anos e que já tinha resultado na dissolução de um casamento e no nascimento de três filhos ilegítimos, circunstâncias que forçaram o casamento, no verão desse mesmo ano. A peça foi interpretada pela primeira vez numa ocasião privada em que, em jeito de surpresa, um

ensemble com 13 instrumentos despertou o sono de Cosima em dia de aniversário, coincidente com o dia de Natal. Cosima escreveu assim no diário:

«Quando despertei, ouvi um som que ia crescendo cada vez mais, até já não conseguir confundi-lo com um sonho. Estavam a tocar música, e que música! Quando terminaram, Richard veio até junto de mim com os cinco filhos e pôs-me nas mãos a partitura do seu 'presente de aniversário sinfónico'. Eu estava em lágrimas, assim como estavam todos; Richard tinha colocado a sua orquestra junto à escadaria e consagrou dessa maneira a nossa Tribtschen para sempre! *Idílio de Tribtschen* – chamava-se assim a obra...»

Tribtschen era o nome da vila onde o casal se instalara, nas margens do Lago dos Quatro Cantões, perto de Lucerna. Alguns anos mais tarde, quando o compositor resolveu tornar pública a partitura, deu-lhe um novo título – *Idílio de Siegfried*. Evocava simultaneamente o nome do mais novo dos três filhos do casal e *O Anel dos Nibelungos*, a terceira das quatro óperas da tetralogia.

PETITE SUITE DE DEBUSSY

A *Petite Suite* de Claude Debussy compõe-se de quatro peças muito curtas, mas de grande beleza. Todas têm um caráter vagamente descritivo, como se evocassem ideias ou situações. Mergulha deste modo num universo musical muito subtil, parcialmente inspirado na poesia de Paul Verlaine. Destaca-se a parte inicial da obra, aquela que se tornou mais conhecida, *En bateau*.

A *Petite Suite* de Claude Debussy começou por ser uma composição para piano a quatro mãos que em 1889 o próprio compositor estreou como intérprete num salão privado em Paris, sentado ao lado de Jacques Durand. Ao piano, é uma partitura de execução relativamente fácil. Mas veio a ser orquestrada vinte anos mais tarde pela mão de Henri Büsser, maestro da Ópera de Paris e amigo do compositor. Foi neste formato que a obra alcançou a popularidade que lhe conhecemos hoje.

As primeiras duas peças inspiram-se em poemas retirados da coleção «Fêtes galantes» de Paul Verlaine, o poeta preferido de Debussy. *En bateau*, que dá início à suíte,

tornou-se na mais conhecida, pela sua bela melodia entoada pela flauta na companhia de uma harpa. É muito provável que a maior parte de nós a reconheça de imediato ao escutá-la. Sente-se o ondular de um barco num ambiente romântico, como o contemplar de um quadro de águas calmas numa tarde quente de verão. Contrasta com *Cortège*, uma animada procissão popular em que até macacos seguram caudas de vestidos de senhoras. As últimas duas peças não recorrem a referências tão explícitas. O *Minueto*, apesar de aludir ao estilo dos salões aristocráticos setecentistas, não deixa de nos remeter para um universo de fantasia e mistério. Por seu turno, o *Ballet* permite-nos imaginar as salas de teatro mais populares de Paris em finais do século XIX e convida a colocar as preocupações todas de lado.

Textos de Rui Campos Leitão



Richard Wagner e Cosima Liszt em 1872



Claude Debussy em 1900



Jean-Marc Burfin e OAM © Marcelo Albuquerque

JEAN-MARC BURFIN MAESTRO TITULAR DA OAM

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Estrasburgo e Reims. Durante as masterclasses que frequenta, é encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzburgo, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel. Na sequência de um seminário

internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris. Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo. No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev. Jean-Marc Burfin dirige várias

orquestras, tanto em França como no estrangeiro (Colonne, Lamoureux, Pays de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie, Potsdam Philharmonie, Württembergische Philharmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003/2004. Gravou um CD na editora Naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy. Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra. Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

A Orquestra Académica Metropolitana (OAM) estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abarcando um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros. Para além do seu maestro titular, a OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri. A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliâne Bizineche,

Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, o quarteto italiano Banda Osíris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas. Na presente temporada tem agendados cinco programas diferentes, participando ainda nos concertos da Orquestra Sinfónica Metropolitana. A Academia Nacional Superior de Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num acompanhamento individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes pelo número de alunos premiados em concursos de renome, pelas admissões dos estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.

FLAUTAS

Leonor Paiva
Sofia Duarte
Luís Marto
Mariana Costa

OBOÉS

Guilherme Cruz
Rita Carneiro
Adriana Santos
Diogo Guerreiro

CLARINETES

Eduardo Faria
Guilherme Sousa
David Dias
Tiago Mourato

FAGOTES

Roberto Arcãleanu
Bárbara Rosado
Miriam Cunha
Joelson Avelino

TROMPAS

Tiago Nunes
João Almeida
Ivan Branco
Diogo Matos ²

TROMPETES

Marco Jesus
Leonardo Friande
Alexandra Moita
Leonel Cardoso

TÍMPANOS

Bernardo Ramos

PERCUSSÃO

Gonçalo Matos
Miguel Almeida
Rafael Louro

HARPA

Cecília Drouillet ¹

VIOLINOS

Ana Massacote
Carolina Correia
Catarina Lobo
Cíntia Sebastião
Diogo Mateus
Francisco Costa
Francisco Russo
Guilherme Reis
Leonardo Martins
Lia Nascimento
Nuno Rodrigues
Rita Almeida

VIOLAS

Vladimira Plugaru
Ana Russo ¹
Camille Estevão ¹
André Teixeira ¹

VIOLONCELOS

Sara Oliveira
Inês Coelho
Gabriel Moita
Beatriz Correia

CONTRABAIXOS

Rita Hipólito
Vicente Magalhães
Guilherme Reis

1 - Convidado/a

2 - Aluno da EPM



METROPOLITANA

Diretor Executivo Miguel Honrado
Diretor Artístico Pedro Neves
Diretor Pedagógico Yan Mikirtumov
Diretora Administrativa e Financeira Fátima Angélico

Fundadores



Ministério da Cultura
Ministério da Educação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo
Secretaria de Estado da Juventude e Desporto

Mecenas



Promotores

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal da Lourinhã
Câmara Municipal do Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

Parceiros em 2024

Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



Patrocinador das Bolsas de Estudo ANSO



Patrocinador Principal



Patrocinadores



Parceiros Media



Parcerias

São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva | Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente
Academia das Ciências de Lisboa | Museu Nacional dos Coches | Museu Nacional da Música
Sociedade Nacional de Belas Artes

facebook.com/metropolitanalx | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

PRÓXIMO CONCERTO

Orquestra Académica Metropolitana - Prémio Fundação Inatel

SEXTA 12 ABRIL - 21H00

AUDITÓRIO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

DOMINGO 14 ABRIL - 16H30

CINEMA-TEATRO JOAQUIM D'ALMEIDA, MONTIJO

Direção Musical: **Jean-Marc Burfin**

M/6 - BILHETES À VENDA